

Se as relações entre literatura e cinema existem desde o momento em que este surgiu no horizonte cultural da modernidade, as formas de interação, interseção e diálogo com que ambos foram dinamizando esse campo de relações ao longo do século XX não podem ser circunscritas apenas ao trabalho de adaptação fílmica de textos literários ou à incorporação, por parte destes, de elementos e estratégias oriundos do discurso cinematográfico. Cumplicidades explícitas e implícitas, diálogos subliminares, contaminações e provocações recíprocas, citações, evocações e “transcriações” nunca deixaram também de atravessar o espaço móvel da conjunção/disjunção entre literatura e cinema. Além disso, por receberem, ainda, os influxos de outras linguagens artísticas e das demandas culturais do momento e do lugar em que se inscrevem, tais relações se tornam ainda mais complexas pela força de vários outros tipos de interseção e diálogo.

Foi exatamente considerando a complexidade, os matizes e a multiplicidade desses entrecruzamentos, as demandas da sociedade contemporânea e as mediações culturais do presente, que surgiu a idéia de contemplar, neste número especial da *Revista Aletria*, as relações possíveis (e impossíveis) entre literatura e cinema. Estudiosos de um campo e/ou de outro, advindos de países, instituições e áreas de atuação diferentes, e atentos a essas interfaces, vieram contribuir para o debate proposto, com artigos, intervenções e provocações que tratam da questão sob diferentes ângulos e perspectivas teóricas. Tais contribuições foram organizadas, à luz de fragmentos da letra da canção “Cinema Novo”, de Caetano Veloso, em oito partes temáticas, sendo que a primeira conta especialmente com um ensaio do cineasta britânico Peter Greenaway, que atendeu gentilmente nosso convite para participar deste volume. A ele nossos agradecimentos pela oportunidade preciosa que nos deu de publicar um artigo de sua autoria. Neste, o diretor e roteirista de *O livro de cabeça* não apenas busca desestabilizar, pelo viés da ironia, os lugares-comuns instituídos em torno da relação do cinema com o texto literário como mostrar formas alternativas de se “ultrapassar o eclipse” a que a imagem tem sido submetida ao ser usada como mero dispositivo ilustrativo do modelo narrativo do século XIX.

Assim, da exploração das potencialidades de assombro da imagem, passando pelos “jeitos do Brasil” inscritos no cinema que também se quer samba, até as “visões das coisas grandes e pequenas” que atravessam as manifestações verbais e visuais da contemporaneidade, vários outros tópicos se fazem presentes nesta coletânea de textos: a radicalidade do cinema e da literatura que se furtam à linearidade e aos paradigmas da narrativa convencional para buscar, na linguagem poética, vias alternativas para a criação da imagem e da palavra; as várias linhas de expressão que se cruzam tacitamente nas frestas, nas dobras e nas margens da indústria cinematográfica norte-americana; as tensões/interações entre ordem e desordem na literatura e no cinema de expressão germânica; as múltiplas possibilidades de entrecruzamento cultural entre cinemas e literaturas de “todos e muitos” lugares; o exercício crítico-reflexivo sobre filmes em tempos de reprodutibilidade técnica e euforia tecnológica.

Acreditamos que, através desta publicação, o CEL (Centro de Estudos Literários) e o POSLIT (Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários) da Faculdade de Letras da UFMG vêm não apenas reafirmar seus compromissos com a prática sempre instigante da transdisciplinaridade como também estimular reflexões e interlocuções no âmbito da linha de pesquisa “Literatura e Outros Sistemas Semióticos”, abrindo-se, cada vez mais, ao debate contemporâneo sobre os trânsitos, travessias, trocas, traduções e diálogos no horizonte artístico e cultural deste início de milênio.

*Maria Esther Maciel & Marli Fantini Scarpelli*